

## UMA QUESTÃO DE VIDA E MORTE: TRAVESSIA E CELEBRAÇÃO

**R**ecentemente, em uma reunião de trabalho, alguém indicou a leitura de *Uma questão de vida e morte: amor, perda e o que realmente importa no final*. O comentário geral das pessoas presentes foi de tratar-se de uma bela obra sobre o luto. De minha parte, digo que é, sim, uma bela obra sobre o luto, mas é, também, uma bela obra sobre o amor, sobre uma história de amor.

O livro foi o último projeto que Irvin Yalom, autor de *Quando Nietzsche Chorou* (1992) e *A Cura de Schopenhauer* (2005), e sua companheira, Marilyn, realizaram juntos, depois de 65 anos de casados. Eles começaram a escrevê-lo assim que Marilyn recebeu o diagnóstico de um câncer terminal e passaram a dialogar, capítulo a capítulo, sobre as dores, dilemas e descobertas de cada etapa deste processo de vida, de morte e de despedida. Marilyn fez a opção pela morte assistida, uma possibilidade na Califórnia, onde o casal vivia, e Irvin terminou a escrita sozinho pelos quatro meses que sucederam a morte da companheira, aos 87 anos.

Em *Notas Sobre o Luto*, Chimamanda escreve que nós nunca sabemos como será o nosso luto até o nosso luto acontecer. Irvin tentou sustentar, diante de Marilyn, que sabia, que suportaria e sobreviveria à sua morte, mas ele não estava certo disso, nós nunca estamos certos disso, certos de que sobreviveremos à autodestruição que fantasiamos diante da perda de quem amamos. As pesquisas e escritos de Irvin sobre o medo da morte e suas décadas de escuta terapêutica de pessoas enlutadas não o prepararam para o inédito que conheceria nessa dor. A certa altura de sua escrita, ele nos diz que pode ter sido exatamente seu temor pessoal, seu não saber mais íntimo, que alimentou o interesse aguçado pelo tema por tantos anos.

Freud, no início do século passado, já nos ajudava a entender o luto como uma travessia, um processo natural e constante no curso da nossa existência, pelo qual passamos inevitavelmente diante das sucessivas perdas reais e simbólicas que se fazem presentes na nossa ousadia de viver. Nascemos já enlutados pela perda do espaço continente e acolhedor do ventre materno, dizia ele — uma perda necessária para que a gente saia para o mundo: o luto inaugural.

E como pode ser a travessia de um luto final? Isto é, de sobrevivermos, aos 88 anos, à perda de alguém com quem compartilhamos uma vida, os sonhos e cada um dos detalhes que compõem o cotidiano da nossa existência? Quanto estamos dispostos a suportar para permanecermos vivos à essa altura? Irvin nos ensina que, assim como o bebê, podemos estar dispostos a muito, a muita reconstrução e adaptação ao novo mundo que se apresenta, interna e externamente. Quem vai, leva consigo o testemunho da nossa história juntos, leva também saberes que ficarão no desconhecido, já que a ausência e seus buracos vieram para ficar. Quem fica, permanece como guardião das memórias e histórias compartilhadas, guardião da permanência de quem se foi.

**MAITÁ FIGUEIREDO**

*Instituto Noos,  
São Paulo/SP, Brasil*

Certa vez, um paciente que havia acabado de perder o pai me contava da necessidade de falar dessa perda com todas as pessoas, “com qualquer um que encontro no elevador”, dizia ele. Lendo Chimamanda refletir sobre o que faz algumas pessoas tatuarem em seus corpos aqueles que perderam, tive a oportunidade de entender algo que me escapava na escuta de meu paciente. Falar, tatuar, marcar não só a perda, mas também o amor, a continuidade, trazer para o presente algo que a perda insiste em deixar no passado, como “um ato de resistência e uma recusa: é a dor lhe dizendo que acabou e o seu coração dizendo que não; a dor tentando encolher seu amor para deixá-lo no passado e o seu coração dizendo que o amor é no presente” (Adichie, 2021, p. 66).

Escrevo esse texto há exatos 7 dias da morte de minha avó paterna, aos 95 anos. Talvez ele seja um tanto do meu “ato de resistência e recusa”, mas não só. É um ato também de celebração, um inédito que essa travessia já está me ensinando. Celebração de uma vida, de uma história, de uma parte da minha ancestralidade que se vai, mas que também permanece, porque dela me faço guardiã.

## REFERÊNCIAS

- Adichie, CN.** (2021). *Notas sobre o luto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª edição.
- Yalom, I.; Yalom, M.** (2021) *Uma questão de Vida e Morte: amor, perda e o que realmente importa no final*. São Paulo: Paidós, 1ª edição.

---

### MAITÁ FIGUEIREDO

Terapeuta de casal e família formada pelo Instituto Sistemas Humanos, com especialização em Saúde Mental e Reabilitação Psicossocial pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (IPq HCFMUSP). Tem experiência clínica no contexto da Saúde Mental institucional e em consultório particular. Atualmente é formanda no Departamento de Psicanálise do Instituto SEDES Sapientiae e integra a equipe clínica e o Conselho Gestor do Instituto Noos.

<https://orcid.org/0000-0002-1056-5166>

E-mail: [maita\\_figueiredo@yahoo.com.br](mailto:maita_figueiredo@yahoo.com.br)